

LIZA
MUNDY

**O SEXO
mais
r****ico**

Como a nova geração
de mulheres está transformando
trabalho, amor e família

Tradução
ELVIRA SERAPICOS

**PA
B1
1B
B1**

Copyright © 2012 by Liza Mundy

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Os nomes de algumas pessoas foram modificados.

TÍTULO ORIGINAL The Richer Sex: How the New Majority of Female Breadwinner Is Transforming Sex, Love and Family

CAPA Eduardo Foresti

PREPARAÇÃO Silvia Massimini Felix

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Renato Potenza Rodrigues

ÍNDICE REMISSIVO Verba Editorial

INDICAÇÃO EDITORIAL Ana Paula Padrão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mundy, Liza

O sexo mais rico : como a nova geração de mulheres está transformando trabalho, amor e família / Liza Mundy ; tradução Elvira Serapicos. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2013.

Título original: The Richer Sex : How the New Majority of Female Breadwinners Is Transforming Sex, Love, and Family.
ISBN 978-85-65530-35-4

1. Mulheres — Emprego — Aspectos sociais — Estados Unidos 2. Mulheres — Estados Unidos — Condições sociais 3. Trabalho e família — Estados Unidos i. Título.

13-07102

CDD-305.42

Índice para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Condições sociais : Sociologia 305.42

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

Sumário

Parte I: A GRANDE VIRADA	
1. As novas provedoras	11
2. O acordo	29
3. A conquista	49
4. As novas regras do acasalamento	84
Parte II: O RETROCESSO	
5. Competição e sabotagem	101
6. O melhor é relaxar	132
7. Estigma e renda feminina	163
8. Sexo e a garota autossuficiente	179
Parte III: A TERRA PROMETIDA	
9. Mulheres desejáveis	199
10. Um novo mundo sem casamento.	216
11. A visão de fora	234
12. Nosso futuro feminino.	250
Agradecimentos	279
Notas	283
Bibliografia	325
Índice remissivo	341

PARTE I

A GRANDE VIRADA

1. As novas provedoras

Os irmãos Hawkins não sabem dizer por que aconteceu ou especificar o momento exato em que perceberam uma mudança na família. Talvez alguém tenha chamado a atenção para o fato em seu encontro anual no Natal, ou durante uma das grandes reuniões que a família Hawkins organiza todos os anos no verão. Ou talvez nunca tenha havido um momento específico. Essa percepção simplesmente se firmou até se transformar num fato conhecido por todos, mas sobre o qual raramente alguém refletia a respeito. *Nós nos tornamos uma família sustentada por mulheres.*

No entanto, os irmãos não foram criados assim.

Os irmãos — eles são seis — cresceram no subúrbio de Detroit, Michigan. A mãe deles, Marcelle Hawkins, teve os seis filhos em menos de seis anos: o último deles nasceu quando ela tinha apenas 25 anos, e ela sempre ficou em casa para criá-los. O pai, Gary, sustentava a família trabalhando como técnico na Ford. Ele não fez faculdade porque nas décadas de 1960 e 1970 isso não era uma necessidade para os homens que trabalhavam na indústria automobilística americana. Ao longo de sua carreira, Gary Hawkins ajudou a lançar o Ford Pinto, visitou linhas de montagem de inúmeras fábricas para resolver problemas, viajou para abrir fábricas em outras cidades e, como diz sua esposa, estava sempre disponível quando a Ford precisava de um engenheiro para fazer hora extra. Seu grande arrependimento, ao se aposentar, foi ter passado pouco tempo com os filhos quando eles eram crianças.

Ao contrário do pai, o filho mais velho dos Hawkins, Danny, se formou na Universidade de Michigan e se casou com uma mulher com potencial de ganhos tão altos ou maiores que o dele. Danny arrumou um emprego na área financeira, mas relutava em cumprir a pesada carga de horas extras que seus chefes cobravam; por isso, em meados da década de 1990, ele deixou o emprego e se tornou um pai feliz, realizado e responsável pela criação das duas filhas. Ele era um pai em período integral antes que isso virasse moda. Segundo sua própria mãe, Danny administra a casa tão bem quanto ela. Faz as compras e cozinha com tamanha precisão que raramente há sobras; mantém um sistema para administrar o orçamento, depositando o dinheiro numa caixa dividida por seções criadas para fins específicos; organiza o calendário de atividades familiares segundo um esquema de cores; e arruma as coisas de cada membro da família, como pacotes e outros pertences. No Halloween, por diversão, ele tentou fazer uma análise estatística para calcular quantos doces teria que comprar no ano seguinte para dar às crianças, mas desistiu porque havia muitas variáveis impossíveis de prever. Ao longo dos anos, Danny atuou como tesoureiro da APM, do grupo de música, da cooperativa pré-escolar, da associação de proprietários, e como tesoureiro simpaticante do clube de golfe que frequentam. À noite, ouve animado as histórias da esposa, Susan, que é vice-presidente sênior do Sistema de Saúde Henry Ford, presta atenção aos problemas que ela enfrenta e compartilha seus triunfos.

“Eu já disse várias vezes a Susie que meu trabalho é tornar a vida dela mais fácil”, diz Danny. “E gosto de fazer isso.”

Já a irmã mais nova de Danny, Leslie, trabalha na gestão da cadeia de suprimentos de uma empresa de transporte e logística de Michigan, onde foi subindo até integrar o alto escalão. Seu marido, Damon, que todos achavam que seria um grande advogado empresarial e o principal provedor da família, recuou e se tornou o provedor secundário, trabalhando como corretor imobiliário e assumindo o cargo de pai que está sempre a postos para os três filhos. Como seu cunhado Danny, Damon cozinha muito bem; joga golfe formidavelmente; leva as crianças para a escola e para as atividades esportivas; limpa a casa e está tão à vontade no papel doméstico que passou a ser chamado de

“Coco” pelos vizinhos desde que abriu a porta segurando um pano de limpeza. Damon, que é conhecido pelo bom humor, adotou o apelido e a fama de excelente dono de casa com muito orgulho.

Rhonda, outra filha dos Hawkins, não tinha ideia de que profissão queria seguir quando era jovem. Na faculdade, mudou de curso tantas vezes que parou de contar. Então resolveu estudar à noite e arrumou um emprego de recepcionista na Magna International, empresa que fornece sistemas e componentes para a indústria automobilística. Começou a trabalhar em marketing e se formou na área; foi tão bem-sucedida — apesar de achar que não é nada demais — que assumiu a chefia de marketing global da empresa. Seu marido, Hank, trabalha no negócio de restaurantes e adora o que faz, mas reduziu a carga horária quando Rhonda obteve uma promoção que a obrigava a fazer longas viagens ao exterior repentinamente.

Lori Hawkins, que trabalha na área financeira, mantém um relacionamento sério com outra mulher e ambas dividem as despesas da casa. Shelley Hawkins é divorciada e tem dois filhos, e sustenta sua casa com um emprego na área de assistência médica.

Dos seis filhos adultos de Gary e Marcelle Hawkins, apenas um — Michael — tem um casamento nos moldes tradicionais, em que ele é o principal provedor da casa.

Seis filhos adultos. Cinco lares sustentados por mulheres. Uma geração. Uma virada de página completa em termos econômicos.

Trata-se de uma mudança profunda no equilíbrio de poder econômico, uma inversão de papéis marcante, que não foi planejada, mal foi percebida. Na verdade, instalou-se no seio da família Hawkins enquanto não havia ninguém olhando. Em questão de décadas, o modelo do provedor masculino tradicional deu lugar a outro, em que as mulheres sustentam suas famílias e ganham mais que os homens com quem se casaram, e ninguém se importa ou acha estranho. A família Hawkins — saudável, funcional, com raízes num estado do Meio Oeste conhecido pelos valores familiares — oferece uma visão convincente da transformação que está ocorrendo nos Estados Unidos. Estamos en-

trando numa era na qual as mulheres, e não os homens, serão os principais provedores domésticos. Estamos entrando numa era em que os papéis irão se inverter, e repercutirão com a mesma intensidade ocorrida nessa família. Você pode rir, mas a Grande Virada está próxima.

Não faz tanto tempo, em 1970, a porcentagem de esposas americanas que ganhavam mais que seus maridos estava na casa de um único dígito, dos mais baixos. Algumas dessas mulheres eram superempresendedoras. Porém, com mais frequência, tratava-se de mulheres casadas com homens doentes, instáveis ou desempregados. Por várias gerações, as provedoras eram principalmente mulheres pobres, mulheres cujos maridos tinham dificuldade para sustentar a casa. Quarenta anos depois, esse padrão mudou radicalmente, pois as forças que produzem tais provedoras ficaram mais fortes e variadas. Quase 40% das mulheres casadas que compõem a força de trabalho americana ganham mais que seus maridos, porcentagem que tem crescido acentuadamente nos Estados Unidos e outros países na medida em que um número cada vez maior de mulheres tem entrado no mercado de trabalho e aí permanecido. As mulheres ocupam 51% dos cargos de nível gerencial e empregos destinados a profissionais especializados nos Estados Unidos e dominam nove das dez categorias profissionais com maior expectativa de crescimento na próxima década.

Parte dessa ascensão se deve à suspensão gradual de práticas discriminatórias que concentravam as mulheres em setores com remuneração mais baixa e que as obrigavam a parar de trabalhar quando se casavam. Parte se deve a mudanças de longo prazo na economia que enfraqueceram setores dominados por homens, como construção e manufatura, enquanto fortaleciam campos tradicionalmente femininos, como educação e saúde. E grande parte se deve à própria coragem e iniciativa das mulheres, evidenciadas pelo fato de que atualmente há mais mulheres que homens nos campi das faculdades não apenas nos Estados Unidos, mas em todo o mundo. Estima-se que até 2050 haverá 140 mulheres para cada cem homens com curso superior nos Estados Unidos. Em todo o mundo, há uma geração de mulheres jovens entrando no mercado de trabalho com mais estudo que os homens jovens, preparada para se tornar a geração de mulheres

financeiramente mais poderosa da história. Nos próximos anos, os economistas — que estudam grandes transições, como o crescimento da sociedade agrária, o declínio da era industrial, a ascensão dos trabalhadores do setor administrativo, a abertura da economia global — irão olhar para trás e classificar esta era como aquela em que as mulheres compreenderam seu poder de ganho e, pela primeira vez, superaram seus parceiros. “As tendências são claras”, diz Gary Becker, economista da Universidade de Chicago e ganhador do prêmio Nobel, pioneiro no estudo econômico das famílias. “Já podemos esperar pelo dia em que as mulheres, na média, estarão ganhando mais que os homens”, afirma o economista.

Além das mudanças na economia e no mercado de trabalho, o aumento no número de mulheres assalariadas irá moldar o comportamento humano, desafiando alguns dos aspectos mais primitivos e arraigados no modo como homens e mulheres se veem uns aos outros. Irá alterar as relações sexuais, como e quando nos unimos, como procriamos e educamos os filhos e, para usar um termo da declaração de independência americana, como buscamos a felicidade. Irá remodelar a paisagem do coração. Este livro mostra como homens e mulheres já estão mudando tudo isso, e o que essas mudanças representarão no futuro.

Você acha que os Hawkins são uma anomalia? Um acaso? Então vejamos o exemplo de Jessica Gasca, moradora do Texas que trabalha como assistente jurídica e sustenta o marido e três filhos. Jessica gosta de fazer parte do mercado de trabalho. Prefere trabalhar a ficar em casa. Seu marido, Juan, cuida dos filhos e tem um emprego de meio período no serviço de atendimento ao cliente. “Nossas crianças me veem como a figura paterna”, diz Jessica, que tem várias irmãs que também sustentam suas casas. Para surpresa delas mesmas, essas mulheres emergiram como provedoras dominantes numa comunidade de imigrantes hispânicos, uma cultura com valores patriarcais fortes, mas em que as mulheres estão ultrapassando os homens ainda mais rapidamente que no país como um todo. Para muitas delas, essa situação gera um profundo desconforto. “Minha mãe sempre diz: ‘Todas as minhas filhas — nunca ensinei vocês a serem assim. Não acredito!’ Ela diz que sustentamos os homens, quando deveria ser o contrário.”

Ou vejamos o caso de Alicia Simpson, psiquiatra, e sua irmã, Tracy Parker, banqueira. As duas são formadas pela Universidade Howard, uma instituição de elite, historicamente dominada por negros, em Washington D.C., onde quase 70% dos alunos são mulheres. Alicia e Tracy, ambas na faixa dos quarenta anos, ambas com filhos, cresceram numa família sustentada por um homem. Durante nosso jantar, elas tentaram se lembrar de quais eram suas expectativas quando se casaram — e entender como acabaram se tornando as principais provedoras de suas casas.

“Sempre imaginei que seria uma parceria”, disse Alicia. “Cada um meio que carregando seu fardo.” Para essas irmãs, a mudança foi tão desconcertante que seus casamentos naufragaram. Alicia se divorciou do marido: “Tive que empurrá-lo para fora do ninho; foi algo do tipo: ou você voa ou sucumbe”, enquanto Tracy trabalhou seu ressentimento e lutou para aceitar seu papel. “Meu marido é um ótimo pai e preciso dele em casa”, disse Tracy. “Mas aceitar essa situação, não foi fácil. Precisei pensar bastante a respeito.”

Rita Radzilowski e sua irmã, Ginette Trottier, ambas oriundas de uma família de operários, conseguiram se formar. Ginette, enfermeira, casou-se com um analista de negócios que amargou um longo período de desemprego na última recessão, quando sua empresa foi vendida e vários cargos foram suprimidos. No mesmo período, Rita, que concluiu um mestrado depois de se formar, namorou um pedreiro que também perdeu o emprego. Nenhum dos homens frequentou uma faculdade. Ambos enfrentam mudanças econômicas em que bons salários para pessoas sem curso superior estão em declínio. As irmãs se ajustaram definindo suas próprias metas. Rita está se preparando para fazer um doutorado; Ginette passou para a área administrativa e está pensando em fazer faculdade de medicina. Para Ginette, parece claro que ela continuará como principal provedora em seu casamento — ou pelo menos a mais confiável —, por isso quer maximizar essa renda como médica, em vez de enfermeira. “Quero ganhar mais dinheiro”, ela diz. “Vou ter que trabalhar muito, mas sei que posso, e tenho consciência disso.”

Jill Singer foi criada numa fazenda nos arredores de Boise, Idaho,

sabendo que teria que trabalhar muito na vida, mas que não deveria almejar ganhar bem pois o mundo era dominado pelos homens. Nos anos 1970, quando eram jovens, esperava-se que Jill e suas irmãs trabalhassem na agricultura ao lado dos irmãos. “Começávamos a trabalhar quando ficávamos grandes o bastante para puxar um cortador de grama”, Jill recorda. “Mas também precisávamos cuidar das tarefas domésticas. Os rapazes podiam entrar em casa e sentar, mas as garotas tinham que cozinhar e costurar.” Ela foi criada de acordo com a religião mórmon, a qual — como inúmeras religiões tradicionais — ensina que o marido é quem sustenta e manda na família. Jill aprendeu que o espaço público pertencia aos homens e o doméstico era das mulheres. “Os homens eram responsáveis pelo ‘exterior’ — renda e disciplina — e as mulheres pelo ‘interior’ — cuidar do orçamento doméstico, criar as crianças, ficar em casa e cuidar para que o marido fosse feliz”, é assim que Jill resume seu aprendizado na infância. “Nunca poderia imaginar que seria a principal provedora. Jamais.” Mas Jill agora trabalha na área administrativa do setor de construção e ganha o dobro em relação ao salário do marido. Pregada no quadro de avisos de sua sala está a proclamação da igreja sobre a família, com a filosofia do marido como provedor. Ela não presta muita atenção a isso, acreditando que não tem nada a ver com a doutrina da igreja, mas com política, e não vê a hora de ser liberada de seus deveres como professora da escola dominical, onde ensina os princípios do evangelho para crianças que serão batizadas. Ela recomenda a suas filhas: “Não acreditem em tudo o que é dito no púlpito”. Suas três irmãs, ela contou, também ganham a maior parte da renda de suas famílias.

“Meus pais estão muito felizes conosco”, diz Jill. “Estão absolutamente encantados com o que nós mulheres acabamos nos tornando.”

Por fim, vejamos o caso de quatro jovens sentadas a uma mesa no centro de Atlanta, Geórgia, numa tarde agradável de sábado no final do inverno. Duas são engenheiras, uma é empresária e a outra trabalha num banco. Todas têm pouco mais de vinte anos e ganham entre 65 mil e 90 mil dólares por ano, tendo terminado a faculdade há poucos anos. Na maioria das cidades americanas, moças solteiras sem filhos com idades entre 22 e trinta anos ganham mais, em termos de renda

média, que seus colegas do sexo masculino, resultado direto do fato de que as mulheres agora têm melhor escolaridade que os homens. Entre todas as cidades importantes onde as mulheres jovens ganham mais que os homens jovens, Atlanta é a número um. Essas mulheres conhecem muito bem a exatidão dessas estatísticas. “Nunca tive um namorado que ganhasse mais que eu”, diz uma delas. Enquanto saboreiam a refeição, as mulheres de Atlanta compartilham técnicas para fazer com que os homens se sintam mais confortáveis com essa situação, e enquanto conversam também fica claro que relatam como fazem para não se sentir incomodadas com isso. Uma delas gosta de deixar o namorado dirigir seu carro. Tem sempre muito dinheiro trocado para poder distribuir gorjetas discretamente e pagar estacionamento e entradas sem estar sempre exibindo o cartão de crédito. “Eles nunca sabem muito bem quanto estamos gastando”, ela diz. “Não queremos que eles percebam o quanto estamos investindo.” Ela acrescenta: “Quero que no final da noite ninguém se lembre de quem pagou”.

Outra mulher da mesa compra os ingressos do cinema antecipadamente e diz ao namorado que ganhou no trabalho. Ela foi promovida recentemente na empresa de consultoria em que trabalha e recebeu um aumento maior do que esperava. Está tentando encontrar uma maneira de contar ao namorado, gerente de uma Waffle House, que está nesse emprego porque foi o único que encontrou perto dela. A mulher adora seu emprego, mas o namorado odeia o dele e, no dia seguinte à grande notícia, ela o encontrou desesperado com a ingratidão e o caos de seu emprego. Como lidar com isso? Como comemorar seu sucesso quando o homem que você ama está patinando? Mesmo quando lhe dá apoio e está feliz por você? E o que dizer às pessoas que se perguntam por que você está namorando um cara que trabalha numa lanchonete? Esse é o tipo de pergunta que as mulheres estão fazendo a si mesmas. “O que é que ela está fazendo com esse cara? Acho que é isso que estão pensando.”

Este livro explora como os relacionamentos estão mudando pelo fato de as mulheres ganharem mais e ultrapassarem os homens de suas vidas em números sem precedentes. Com base em entrevistas com centenas de homens e mulheres, de diferentes idade, raça e formação,

a conclusão é de que todos têm uma coisa em comum: estão vivendo de perto o profundo impacto dessas grandes mudanças econômicas. Algumas das pessoas entrevistadas neste livro falaram individualmente, mas há entrevistas com casais e também conversas com grupos de amigos e colegas. Elas vivem nas regiões industriais do Meio Oeste americano e nas várzeas ocupadas por imigrantes no Texas meridional, em dormitórios universitários e nos centros urbanos das principais cidades do país. Também vivem em outros países, em lugares tão díspares quanto a Dinamarca e o Japão, onde as mesmas forças estão em andamento com resultados bastante diferentes. No Japão, o poder econômico modificou o comportamento feminino tão profundamente que alguns observadores acreditam que as mulheres trocaram de personalidade com os homens. Este livro capta a percepção oferecida por pesquisas e estudos conduzidos por inúmeros especialistas que traçam a ascensão das mulheres e suas conseqüências emocionais. Oferece previsões a respeito do que acontecerá quando as mulheres dominarem as salas de aula e os postos de trabalho, nos Estados Unidos e em todo o mundo. Apresenta uma hipótese de quem casará com quem, quem continuará solteiro e quem continuará lutando; quem prevalecerá, qual será a evolução dos relacionamentos. Como o sexo irá mudar. Como as crianças irão reagir. Que decisões irão tomar as mulheres com formação universitária diante de companheiros menos talentosos que elas. Essas são questões que os economistas e outros especialistas estão observando atentamente ao mesmo tempo que procuram entender a maior revolução em curso na sociedade americana desde que a era industrial deu plena expressão à ideia de que os homens são os assalariados, consolidando-a tão firmemente que algumas pessoas ainda acreditam que seja uma lei imutável, proferida por Deus ou, alternativamente, por Darwin.

É claro que as coisas podem dar errado. À medida que países de todo o mundo se afastam do modelo da era industrial com homens como provedores e mulheres como donas de casa, surgem aqueles que preveem uma verdadeira guerra entre homens e mulheres: uma longa luta e renegociação prolongada, com as mulheres tentando obter mais apoio dos homens — e ajuda com o trabalho doméstico — e os

homens apegados ao status e à autoridade de que desfrutavam. Com mais mulheres ingressando no mercado de trabalho e sendo bem-sucedidas, algumas ficarão duplamente sobrecarregadas — arcando com a responsabilidade de sustentar a família, mas recebendo poucas das regalias há muito concedidas aos homens. Um cínico diria que, à medida que mais mulheres se tornam as principais provedoras, o ato de ganhar dinheiro perderá seu prestígio e, de repente, não haverá nada tão respeitado quanto... um pai que fica em casa, criando os filhos e cuidando da casa.

A observação casual e pesquisas realizadas ao longo dos anos sugerem que os homens não reagem muito bem quando são superados por mulheres. “Os homens sabem que as mulheres são páreo duro para eles e por isso escolhem as mais fracas ou mais ignorantes”, observou Samuel Johnson no século XVIII. Vários estudos confirmaram essa ideia, sugerindo que a probabilidade de divórcio nas famílias com mulheres economicamente dominantes é maior, em parte porque os homens são mais propensos a se afastar ou se vingar quando ofuscados por mulheres. Em 2011, um estudo confirmou que é maior o risco de separação entre as mulheres vencedoras do Oscar de Melhor Atriz que entre os ganhadores do prêmio de Melhor Ator. E agora o problema do marido que se sente eclipsado (ou ofuscado) não é um dilema apenas para as famosas Reese Witherspoon e Sandra Bullock. É um problema também para as mulheres que não são celebridades — universitárias formadas, advogadas, médicas, jovens empresárias etc. “Penso nisso o tempo todo”, escreveu uma jovem por e-mail, expressando o que sentia por pertencer à primeira geração de mulheres com terceiro grau completo que supera o número de homens e se perguntando com quem se casaria. Uma engenheira de 34 anos que trabalha em Washington D.C. disse que demorou anos para conhecer um homem que ficasse à vontade com seu salário. Quando conhecia um homem e dizia qual era sua profissão, ele geralmente ficava assustado e fazia comentários do tipo: “Você deve ser uma dessas mulheres inteligentes!”. Por isso ela começou a dizer que era professora de música, o que não deixava de ser verdade já que ela também é violinista e dá algumas aulas. Isso costumava funcionar, até o terceiro encontro, quando con-

tava qual era sua verdadeira profissão. “Eles simplesmente paravam de telefonar.”

Então, sim, os homens reagem mal; mas a verdade é mais complicada — e mais otimista. Os estudos negativos, que confirmam estereótipos carinhosamente mantidos acerca de homens e mulheres, costumam ter grande repercussão. Os meios de comunicação gostam de falar dos estudos que mostram como as mulheres poderosas são desagradáveis, como seus relacionamentos são problemáticos, como são mandonas e rabugentas no front doméstico, como seus maridos são covardes e fracos. Há uma sensação de rejeição no noticiário envolvendo mulheres que ganham bem, como que para satisfazer uma necessidade mais profunda de acreditar que as mulheres bem-sucedidas profissionalmente estão condenadas ao fracasso pessoal, e que os homens nunca, jamais poderão prosperar diante das conquistas femininas. Uma rápida pesquisa no site do *Daily Mail* — o confiável tabloide conservador britânico — sobre “provedoras do sexo feminino” revela uma cobertura reacionária e apocalíptica. As mulheres terão menos sexo! Gritarão com seus maridos! Serão abandonadas! O desgosto será inevitável, com o “aumento crescente de mulheres bem-sucedidas em suas carreiras e na escala financeira, deixando um rastro de casamentos e relacionamentos desfeitos, com os homens ressentidos pela perda da condição de arrimo da família”. A ideia de que as mulheres, ao vencer, estão na verdade perdendo é bastante popular, mas é também, eu acrescentaria, simplista e extremamente suspeita.

Porque, na verdade, as normas sociais estão mudando, assim como a reação dos homens em relação às mulheres que trabalham. Até muito recentemente, os sociólogos acreditavam que as mulheres que ganhavam mais que os maridos realizavam mais tarefas domésticas, para reafirmar sua feminilidade e atender a expectativas sociais, e que os maridos faziam menos, para reforçar o controle e sua masculinidade. Agora parece que isso não é verdade. Não é agora, e talvez nunca tenha sido. Tudo indica que os homens vêm fazendo cada vez mais tarefas domésticas enquanto as mulheres aumentam o tempo de trabalho. E existem estudos sugerindo que as mulheres recebem mais elogios que os homens pelos altos salários. Isso mostra que muitos homens

são perfeitamente capazes de comemorar o sucesso de suas esposas e, como Danny Hawkins, dar um testemunho favorável e solidário em relação às mulheres que eles amam e admiram. E os jovens têm expectativas diferentes daquelas que os homens tinham trinta anos atrás. Os homens querem passar mais tempo com os filhos, querem mais flexibilidade, mais tempo fora do escritório. E como irão conseguir isso? Com uma esposa trabalhadora e bem-sucedida.

Embora seja verdade que em alguns casos os homens estão lutando para aceitar a ideia de ser sustentados — e às vezes falhando espetacularmente, partindo para a retaliação, como veremos mais adiante —, a verdade é que muitos homens estão felizes por dividir o reino da responsabilidade financeira, ou até mesmo abrir mão dela. Esses homens percebem corretamente que a vida com alguém que ganhe tanto quanto eles, ou até mais, pode ser melhor desfrutada, com hobbies, lazer, tempo com os filhos e trabalho em algo que considerem gratificante em vez de lucrativo. Eu diria que os homens irão cada vez mais *querer* casar com uma mulher que ganhe mais que eles. Em alguns casos, isso irá acontecer porque os homens perceberão que podem ter uma vida mais livre e melhor; em outros casos, porque parece lógico concluir que as mulheres são favorecidas numa nova economia baseada na informação, consumo e serviços, em vez de indústria e trabalho. “Quando a cultura contraria as tendências econômicas, geralmente é vencida por essas tendências econômicas”, diz Gary Becker. Ou seja: mesmo que os homens sejam criados para pensar que devem ser o arrimo da família e sejam dissuadidos por mulheres que podem superá-los, os incentivos pragmáticos irão falar mais alto que a competitividade e as inseguranças psicológicas. Os homens — homens inteligentes — ficarão felizes em atrelar seu vagão ao trem de uma estrela.

O verdadeiro obstáculo no curto prazo talvez sejam as próprias mulheres. Será que elas querem arcar com o sustento da família, com a responsabilidade e as horas extras que isso implica? Será que uma mulher poderosa consegue amar um sujeito descontraído, cujo ritmo é muito mais lento que o dela? Algumas das evidências sugerem que não. Entre muitas mulheres continua a existir a sensação de que o homem precisa pôr alguma coisa na mesa além do jantar, por melhor que

seja o prato, e que um homem que não ganha um salário está renegando sua principal obrigação. O número de mulheres bem remuneradas que se preocupa com o fato de seus maridos se sentirem castrados é muito maior que o de homens que efetivamente se *sentem* castrados. Algumas mulheres se esforçam para encontrar outras qualidades que possam admirar, além da renda. A verdade é que as mulheres podem estar emocionalmente bem mais atrás do que os homens. Muitas resistem em pensar em si mesmas como a principal provedora da família. “O rótulo de principal provedora dá a ideia de muito mais trabalho e muito menos diversão”, disse uma jovem doutoranda que entrevistei, ao se imaginar como arrimo de família. É uma transição violenta, em que as leis da atração sexual estão mudando junto com a dinâmica doméstica.

Observando a reação masculina em relação ao rendimento das mulheres, podemos dizer que os homens têm três opções: resistir ao crescimento do poder econômico feminino e até revidar de alguma maneira, reação nitidamente captada por boa parte da imprensa e da literatura feminista dos anos 1980 e 1990; os homens também podem desistir, parar de tentar: reação explorada em boa parte da cobertura atual sobre as ansiedades masculinas diante de uma desaceleração econômica que tem afetado mais os homens que as mulheres. Mas há uma terceira opção — podemos chamá-la de Porta Número Três. Nessa opção os homens enfrentam o desafio, desenvolvendo uniões mais perfeitas com as mulheres a que estão intimamente ligados, e, inspirados pelo exemplo feminino, elevam o nível do jogo. A Porta Número Três leva a homens que se esforçam mais nas salas de aula, competindo com as mulheres, mas de uma maneira boa, aperfeiçoando-se, adaptando-se, desenvolvendo novas habilidades.

Para as mulheres também existem três opções. As mulheres podem ficar ressentidas com os homens e se concentrar apenas em suas limitações, reais e percebidas. Ou podem continuar ligadas ao passado, assumindo seus novos papéis porém apegadas aos antigos, lutando para manter o controle sobre os filhos e as tarefas domésticas. Mas também podem avançar em direção a essa nova visão, expressando sua gratidão pelas muitas maneiras como os homens estão se ajustan-

do, cedendo quando precisam e aceitando as mudanças em seu papel econômico. Eu diria que a terceira opção tem sido ignorada, mas está ocorrendo e merece mais atenção do que tem recebido.

Porque, por trás da Porta Número Três, o futuro da mulher como chefe da família é brilhante. O poder de ganho das mulheres, com sua vitalidade e sucesso, levará a um verdadeiro avanço no relacionamento entre os sexos. Dará às mulheres o poder de barganha de que precisam para obter mais ajuda dos homens em casa, marcará o início de uma nova era de justiça, completando a revolução, deixando para trás os dias infelizes do chamado segundo turno, quando homens e mulheres ficavam atolados em discussões sobre igualdade que pareciam sempre limitadas à lavagem da roupa e da louça. O aumento da renda feminina propiciará uma nova libertação para as mulheres, mas também para os homens. Produzirá uma época de novas realizações e ajuste de expectativas. Os casais irão repensar a definição de justiça e perceber que “justo” pode significar outra coisa além de uma igualdade total em todas as tarefas. Perceberão que os casamentos às vezes funcionam melhor quando os parceiros têm papéis complementares, fazendo coisas ligeiramente diferentes, mas a novidade é que esses papéis não precisam ser complementares segundo o modelo tradicional, definido pelo sexo. Os casais perceberão que o objetivo da semelhança absoluta nem sempre é viável, como nem sempre é desejável. Os parceiros não precisam ser intercambiáveis, fazer exatamente as mesmas coisas, metade trabalho, metade família, dividir o trabalho de acordo com uma noção rígida de igualdade. Às vezes é preferível — e necessário — que um dos parceiros detenha a posição de força enquanto o outro proporciona o necessário apoio nos bastidores. O que vai mudar é que as mulheres ocuparão cada vez mais essa posição de força, e elas precisam aprender a ser felizes com parceiros que comemorem e que as ajudem nessa empreitada.

Homens e mulheres podem esperar novos desdobramentos nas próximas décadas. Os homens, eu prevejo, irão se ajustar rapidamente à nova realidade. Muito em breve, veremos um número cada vez maior de homens atraídos por mulheres dinâmicas, bem-sucedidas, de alto poder aquisitivo. Pela primeira vez os homens começarão a

pensar em casamento como uma aposta no potencial econômico de uma esposa, exatamente como as mulheres fazem há séculos — desde as salas de estar de Jane Austen até os ofurôs das *Mulheres Ricas*. Ao olhar para uma mulher, o homem pensará: “Uau. Vejam só, ela vai longe!”. E, cada vez mais, serão os homens a fazer ajustes, como pedir uma transferência para dar apoio à carreira da parceira.

Enquanto isso, as mulheres verão crescer sua identidade como chefes de família e aceitarão gradualmente esse papel. Elas mudarão sua forma de olhar para os homens, assim como as características que consideram desejáveis no companheiro. Darão cada vez mais valor a qualidades como apoio (um copo de vinho esperando por elas no fim do dia, a possibilidade de desabafar), habilidades como pai e realizações domésticas, para não falar do velho e grande recurso masculino: a proteção. E as mulheres não mais sentirão que sua posição no mundo depende do que seu marido faz ou de quanto ele ganha. Isso aliviará bastante a pressão — cultural, emocional, financeira — sobre os homens.

Ambos os sexos terão mais liberdade para fazer escolhas puramente românticas, escolhas que nada têm a ver com o casamento como parceria econômica. Isso significa um crescimento no número de mulheres que se casam com homens mais jovens, e de homens que se casam com mulheres mais velhas. Haverá mais casamentos em todos os grupos raciais e étnicos. E em vez de se “equiparar” em termos de educação e renda, os casais encontrarão afinidades numa busca que poderão compartilhar em pé de igualdade.

O front doméstico ficará cada vez mais masculinizado. Os homens enxergarão o lar como espaço do qual podem se apropriar, adaptação facilitada por duas décadas de transformação da cozinha e do espaço da churrasqueira nos lares americanos como palco de sua atuação. “É muito mais divertido ficar em casa agora do que costumava ser”, diz um marido caseiro. “São tantas as coisas que podemos fazer.”

As mulheres alcançarão o céu. Mulheres jovens com altos salários determinadas a casar com homens que ganham tanto quanto elas. Usarão sua renda para viajar mais, para conhecer grandes cidades, movimentando a indústria do turismo e transformando o país — e o mundo

— num grande mercado, numa gigantesca área de encontros conectada globalmente. Em países como o Japão e a Coreia do Sul, onde as mulheres bem-sucedidas ainda intimidam os homens, mulheres mais subservistas — ou seja, mais pobres — serão trazidas de outros países asiáticos para atender às preferências de homens que desejam casar com alguém que seja financeiramente dependente deles. Enquanto isso, os homens dos países ocidentais poderão optar por noivas que conhecerão on-line, ou mudar e se estabelecer em países menos desenvolvidos com uma esposa que irá cuidar deles e sustentá-los.

Ao contrário do que dizem alguns relatos, as mulheres não sentirão uma necessidade desesperada de ter encontros e sexo casual na tentativa de encontrar parceiros adequados que assumam um compromisso com elas. Alguns jornalistas e acadêmicos sugerem que a chamada cultura do encontro casual é resultado do crescimento no número de mulheres de alto poder aquisitivo fazendo sexo indiscriminadamente com a redução no número de homens com as mesmas credenciais; as mulheres estão oferecendo o sexo com a esperança de esbarrar num homem que concorde em se assentar. Não é bem assim. É verdade que uma nova geração de mulheres terá um comportamento tipicamente masculino, com vários parceiros sexuais, mas muitas dessas mulheres estarão adiando um compromisso. As mulheres se tornarão mais assertivas sexualmente. Usarão seus recursos financeiros para encontrar homens que sejam bons de cama mas que também — igualmente importante — saibam lavar pratos. Sexualmente, as mulheres se sentirão mais livres do que nunca para dizer não, para determinar o tipo de sexo e a frequência com que o desejam. E se algum homem com poder aquisitivo mais baixo fizer qualquer comentário sobre alguns quilinhos a mais, elas certamente irão ignorar.

E ao contrário do que dizem alguns relatos engraçadinhos, os homens “casadoiros” não tentarão prolongar seus dias de promiscuidade. Pelo contrário, eles é que irão desejar se assentar. Na verdade, novos estudos sugerem que os homens, longe de terem fobia de qualquer tipo de compromisso como geralmente são retratados, podem desejar uma vida familiar ainda mais que as mulheres.

O conjunto de americanos casados continuará a diminuir. As taxas

de coabitação irão crescer, assim como o número de pessoas vivendo sozinhas. As mulheres poderão bancar a espera e ser mais criteriosas. Mas o fato de uma mulher viver sozinha não significa que seja solitária. Em vez disso, as mulheres irão aproveitar a companhia das amigas, embora não necessariamente em termos sexuais. As mulheres já fazem isso, é claro, mas será cada vez maior o número de duplas femininas em bares, concertos e shows. As mulheres dominarão a praça pública. Basta olhar ao redor, num restaurante, para perceber quantas mesas são ocupadas por grupos de mulheres — três, quatro, oito — brindando com copos de vinho e pedindo filé mignon. E o mais importante: a vida de solteira não será considerada um fracasso; é mais provável que as mulheres encontrem prazer e realização numa vida que não inclui o casamento. Mesmo que tenham relacionamentos sérios, as mulheres irão querer manter um espaço para si mesmas e um tempo para as amigas. Irão considerar o grude de um namorado como motivo para rompimento.

Quanto aos casais, agora que os homens podem ficar em casa para cuidar dos filhos e assumir empregos de meio período, haverá uma discussão para ver quem assume a responsabilidade de ser o principal provedor da família e quem terá liberdade e flexibilidade para ser o parceiro de marcha lenta.

Alguns casais talvez lutem, sexualmente, até que os homens encontrem novas formas de recuperar e afirmar sua masculinidade. Mas isso talvez não seja tão difícil quanto as pessoas imaginam. Os homens criarão um entendimento mais amplo de masculinidade, que inclua o lado doméstico mas também mais tempo com atividades viris: caça, pesca, musculação. Por outro lado, as mulheres casadas com homens que ganham menos irão se esforçar para elogiá-los por conquistas de outro tipo. Coisas que poderiam ser consideradas como hobbies, se fossem praticadas por mulheres, irão adquirir um status mais elevado quando realizadas por maridos que ficam em casa. Blogs familiares mantidos pelos papais serão considerados “projetos de livro”.

As mulheres de culturas e religiões que enfatizam a importância do homem como chefe da família — e a submissão feminina — terão que encontrar uma forma de resolver esse problema. Avaliando

suas perspectivas no trabalho, percebendo que são maiores que as do marido, as mulheres talvez tenham que romper com o grupo, obter permissão do pastor para trabalhar ou viver num estado de conflito perturbador, em que a realidade da vida diária está em desacordo com os ensinamentos que ouvem aos domingos. Ministros e pastores serão convocados a conceder licença às mulheres para que sejam chefes de família e os maridos “permitirão” que suas esposas ganhem mais que eles, mantendo assim a autoridade que lhes foi dada por Deus, em espírito mas não de fato. Esses homens preservarão sua masculinidade se designando a si mesmos encarregados e protetores de suas esposas.

Quanto maior o apoio emocional e logístico dos maridos que ficam em casa, mais dinheiro essas mulheres ganharão. Os locais de trabalho, antes tão céticos em relação às mulheres, implantarão mudanças há muito adiadas. Maior flexibilidade, sim — podemos torcer. Ao mesmo tempo, os empregadores terão em relação aos maridos o mesmo tipo de postura que tinham em relação às esposas que ficavam em casa, considerando-os um apoio doméstico fundamental, uma garantia de que suas funcionárias poderão trabalhar com a mesma dedicação tradicionalmente oferecida pelos homens. Quanto maior o apoio doméstico, maior a disposição dos empregadores para investir na carreira de suas estrelas femininas. A renda feminina irá subir. E subir. Até...

Até as mulheres casarem com homens que ganham menos, e sacudirem os maridos.

E isso também vai acontecer.